



O FRACASSO ESCOLAR COMO UM ‘SINTOMA’ DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Rosane Gumiero Dias da Silva

Universidade estadual de Maringá-UEm

e-mail: rosane_gds@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo pretende abrir espaços para algumas reflexões sobre o fracasso escolar dentro de um contexto de violência escolar. Na literatura brasileira não existe um consenso sobre o conceito de violência, no entanto, Abramovay e Rua(2002) in UNESCO (2003) coloca que há um ponto de consenso básico entre a literatura especializada, que consiste em que “ todo e qualquer ato de agressão – física – moral ou institucional – dirigido contra a integridade de um ou vários indivíduos ou grupos é considerado um ato de violência”. Dentro desse contexto temos os fatores endógenos e exógenos, que contribuem para a manifestação da violência. No caso deste estudo, vamos priorizar os fatores internos ao cotidiano escolar, tais como: o conteúdo programático das escolas em sua maioria apresenta-se desvinculados da realidade dos alunos e da aplicabilidade destes no contexto social; falta de respeito e credibilidade por parte dos professores em relação aos alunos e vice-versa e aulas desmotivadas, entre outras. Em nossas pesquisas, esses fatores, entre outros, vem se tornando relevantes para que o aluno deixe de conhecer a real importância da escola e em contra partida, os professores acreditando nesses alunos como cidadãos em potencial.

Palavra chaves: fracasso escolar, violência escolar, educação

INTRODUÇÃO

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

É recente na literatura brasileira a questão da violência em geral e, especificamente, da violência escolar. Surgiu na década de 1990, por iniciativa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – que, cônica da gravidade da situação, elaborou alguns projetos, a exemplo do “Mapa da Violência III: Os Jovens do Brasil” e do estudo “Violência nas Escolas”. Este último motivou pesquisas de âmbito nacional e local, abrindo novas possibilidades de trabalho.

È importante considerar que, conforme dados da UNESCO, os jovens brasileiros, principalmente os de idade entre 15 e 24 anos, constituem a faixa populacional mais exposta à violência, seja como vítimas seja como agentes. Em termos de mortes causadas por fatores externos (homicídios, acidentes de trânsito e suicídios), os dados quantitativos correspondentes a essa faixa etária são tão elevados que colocam os índices brasileiros na terceira posição entre os mais altos do mundo (UNESCO, 2003, p. 01).

Tomando como suporte as informações e notícias veiculadas pela **mídia**, por documentos oficiais do Ministério da Educação e do Desporto, por trabalhos científicos e análises da realidade, identificamos sérios problemas relacionados ao desenvolvimento educacional do País e algumas vergonhas nacionais no que se refere aos nossos jovens e crianças. Podemos citar algumas: o uso e abuso do trabalho infantil, que atualmente abrange cerca de 5,5 milhões de crianças, dos quais 2,5 milhões estão totalmente fora da escola; a exploração sexual de crianças e adolescentes; altos índices de reprovação e baixa escolaridade; evasão escolar no Ensino Médio (BRASIL, p. 6. mimeo, s.d).

Exatamente porque os problemas são sérios, a literatura sobre violência não é consensual, o que, por si só, demonstra a necessidade de pesquisas nesse campo. O termo possui significados múltiplos. Dizem a Unesco (2003) e Kosonski (2003) que a violência é multifacetada; Chaui (1996), que a violência possui inúmeros significados;

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Abramovay (2002), que nenhum conceito chega a ser consensual entre os pesquisadores.

A literatura brasileira associa os atos violentos a dois grandes tipos de fatores, a saber, fatores externos e fatores internos, os quais também servem para explicar a violência nas escolas, já que esta instituição espelha as condições sociais em que está inserida. Situada muitas vezes em meio à violência, agregada ao contexto social, a escola reflete as tensões e os conflitos dos grupos à sua volta e dentro dela, os quais fazem parte da rotina do cotidiano escolar (WERTBEIN, 2003 p.8).

Além dos pesquisadores da Unesco (2003), outros autores - como Foucault(1977), Morin(1981), Wieviorka(1997), Chauí(1986), Kosonski(2003), Adorno(2002), Nagel (2008), Aquino(1998) e Minayo(1999) - apresentam como fatores externos a exclusão social, racial e de gênero, o tráfico de drogas, a desestruturação familiar, o crescimento de grupos e gangues, a pobreza, os meios de comunicação de massa, o consumismo, o individualismo, a modernidade, a desigualdade social, os baixos salários, o analfabetismo, o desemprego, a pós-modernidade, a exclusão social, etc.

Os fatores endógenos ou internos vinculam-se à própria instituição escolar. Como afirmam Silva (2005), Sposito(1998), Hayden e Blaya (2001) e Facci(2003), o conteúdo programático da maioria das escolas apresenta-se desvinculado da realidade, sendo quase inaplicável no contexto social. O mesmo se pode afirmar do sistema de normas e regulamentos e dos projetos político-pedagógicos. A falta de respeito dos professores para com os alunos e vice-versa, as lacunas na formação de professores, a baixa qualidade de ensino e aulas desmotivadas são outros tantos fatores internos que podem estar relacionados à violência escolar levando o aluno ao fracasso escolar.

Assinalamos, também, que a preocupação com a violência se irradia no âmbito da saúde. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (1993), a violência, pelo número de vítimas e a magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz,

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

adquiriu um caráter endêmico e em muitos países se converteu num problema de saúde pública. O setor de saúde “constitui a encruzilhada para onde convergem todos os corolários da violência pela pressão que exerce em vítimas sobre os serviços de urgência”.

Nos setores jurídicos, pela ótica do Direito Penal, observa-se preocupação semelhante. Chispino e Chispino (2008, p. 01) discutem o fenômeno chamado judicialização das relações escolares, caracterizando-a “pela ação da justiça no universo da escola”, o que resulta nas mais variadas condenações. Eles procuram mostrar “que os atores principais da educação não estão sabendo lidar com todas as variáveis que caracterizam as relações escolares”. Consideram que o Novo Código Civil, O Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como O Código de Defesa do Consumidor e os Direitos Humanos, não têm sido objeto de estudo por parte dos educadores. Concluem que a escola “precisa ser percebida como um sinal de que as decisões em educação estão fugindo de seus atores principais “ (p.12).

Os índices de violência social e escolar, a preocupação dos organismos internacionais, a ausência de consenso na literatura sobre o assunto e as evidências de que o universo escolar pouco tem contribuído para diminuir esses índices nos induzem à adoção de um marco conceitual sobre a violência e a violência escolar, de forma a delinear nossas indagações.

Podemos iniciar com o conceito de violência da Unesco encontrado *in* Ortega (2002, p.81), segundo o qual a violência é uma “intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) e também contra si mesmo – abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de ‘acidente’, além das diversas formas de agressão sexual. Compreendem-se igualmente as formas de violência verbal, simbólica e institucional”. Nessa mesma linha de raciocínio, encontramos em Abramovay e Rua (2002) *in* UNESCO (2003) a ideia de que há um ponto de consenso básico na literatura

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

especializada: “que todo e qualquer ato de agressão – física, moral ou institucional – dirigido contra a integridade de um ou vários indivíduos ou grupos é considerado um ato de violência”.

Direcionamo-nos para a conclusão de que o conceito de violência deve ser orientado por diversas disciplinas, com base nas quais ela pode ser interpretada e interligada em suas várias faces, como um fenômeno psicossocial multifacetado.

É inegável que o progresso científico e tecnológico, que gera mudanças econômicas, políticas, demográficas e sociais, não tem proporcionado harmonia e bem-estar a todos os homens. Suas inovações, ao mesmo tempo em que colocam possibilidades sem precedentes para o ser humano em termos de autorrealização, ameaçam acirrar os conflitos étnicos, raciais, migratórios, afetivos, psicológicos e sociais.

Nos textos de Pain (2009b), Wiewiorka(1997), Unesco (2003), Silva(2005), entre outros, a abertura das fronteiras e dos capitais, ocorrida especialmente no final do século XX e começo do século XXI, ocasionou rápidas mudanças no meio econômico, científico, tecnológico e sociocultural, desencadeando uma crise de valores humanos, éticos e morais cujas consequências - muitas delas irreversíveis e indesejáveis para a convivência humana – não permitem a construção de uma sociedade mais justa e responsável. PAIN (2009b) afirma que vivemos em sociedades do paradoxo, “nas quais se prescrevem as condutas [...] privilegiam-se certos comportamentos, declarados corretos sem que sua prática ou a valorização social dela decorrente sejam ressaltadas. Ao contrário, sancionam-se as falhas ou a ausência de sucesso. O fracasso é um erro de seleção de pessoal”.

Nesse sentido, é comum o aparecimento de tensões, agressividade e violência em diferentes setores sociais, como é o caso da escola, apontada como responsável pela formação de cidadãos e indivíduos atuantes no seu meio. PAIN (2009b) defende em seus escritos que, “a grosso modo, é esse todo o problema da escola

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

atual, o problema das instituições, da presidência política moderna: pode-se prometer tudo, sem nada ter; pode-se literalmente fingir que se tem tudo, e isso basta”.

Segundo SOUZA (1997), TESSARO(2001) e PAIN (2009b), as estatísticas revelam que, em termos mundiais, a maioria das crianças tem acesso à escola. É evidente que as portas já se abriram para quase todas, mas infelizmente não se pode afirmar o mesmo da qualidade educativa. Assim, muitas crianças brasileiras, embora tenham acesso à escola, não obtêm o aprendizado acadêmico. Essa falta de qualidade de ensino nos leva a refletir sobre a escola que se insere nessa sociedade atual a qual leva os alunos a se fazerem a seguinte pergunta: “é preciso ou não ir à escola para ser bem-sucedido? Quem nunca ouviu essa frase, proclamada insistentemente? Não obstante, a escola e uma parte de seus professores, responsáveis pela condenação surda de jovens ‘promovidos à exclusão’, preferem fechar as portas e meditar entre intelectuais bem-educados e deixar de questionar a realidade fora dos muros escolares.

Buscamos amenizar a exclusão e o fracasso escolar, que, segundo Souza (1997), Tessaro (2005) e outros autores, são fatos incontestáveis, mas isso não é suficiente. PAIN (2009b) salienta que, nas sociedades paradoxais, “não se dá mais tempo ao tempo. Ensina-se por ensinar. Educa-se por educar [...] Pensa-se, com isso, em racionalizar a educação, indexando-a pela economia, mas se esquece que a inteligência e o pensamento têm um jeito particular de progresso e avanço que depende tanto das subjetividades quanto das condições nas quais elas são exercidas”.

Segundo Tessaro (2001), o mais preocupante é que as causas do fracasso escolar quase sempre são atribuídas à criança e à família, razão pela qual ainda predominam práticas psicologizantes e medicalizantes. Segundo Machado e Souza (1997), foi a partir da década de 80 do século XX, com PATTO (1987), que as pesquisas passaram a questionar a concepção de que o aluno não é o único responsável pelo fracasso escolar. Começaram a chamar a atenção outros aspectos, como a má qualidade do ensino e a presença, nas práticas escolares, de estereótipos e preconceito em relação à criança pobre. Apesar dessas iniciativas, depois de mais de duas décadas as pesquisas

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

continuam demonstrando que as explicações do fracasso escolar permanecem centradas no aluno, sendo ele responsabilizado pelos problemas de escolarização.

Por outro lado, conforme PAIN, a cada dia somos convencidos da ideia de que é necessário ajustar os comportamentos para ser bem-sucedido. Certos alunos (como, aliás, seus pais) não entendem por que, mesmo sendo pontuais, dispendo do material escolar e sendo motivados e atentos às aulas, não conseguem aprender o esperado ou aprendem mal. A aprendizagem não vem ao encontro de seu desejo. Agredidos, revidam com a agressão, o que alimenta suas hipóteses sobre o resultado escolar: o problema é a escola, que não é boa, ou o professor, que ensina mal. Os pais lutam para matricular seus filhos nas boas escolas, onde se encontram, certamente, as elites docentes.

Concordamos com autores como Vygotski (1991), Duarte(1996), Facci (2003), Oury(1998), Saviani (1995) e Pain (1992), que consideram a instituição escolar como o lugar mais apropriado para o ensino, aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Compete a essa instituição, na figura do educador/professor, ensinar à criança aquilo que ela ainda não sabe mas já tem condições de aprender com auxílio de outro.

PAIN (2009b) vai um pouco além, ao declarar, com muita propriedade, que a escola é um espaço apropriado para fazer com que

os malefícios da globalização voltem-se contra ela própria. O que nos impede de usar os jogos de papéis, de papéis múltiplos, nos espaços da sala de aula e da escola, de fazer emergirem, dessa forma, responsabilizações contextualizadas? O que nos impede[...] bem jovens de ajudar os grupos de jovens motivados a assumirem papéis em coletividade, nas pesquisas, nos projetos sociais, a fim de proteger a reflexão, a fim de adquirir conhecimento para o bem comum, para o bem dos outros? O ensino mútuo e o sistema de tutoria têm sido bem sucedidos nesses objetivos. O que nos impede de trabalhar sobre a desconstrução das grifes, a problemática da ecologia e da economia equitativas? O que nos impede de desconstruir o mercado do automóvel, da televisão? Há muito tempo que professores que praticam e mostram como são fomentados os jornais impressos e

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

audiovisuais. Pode-se, desse modo, estudar as relações, por uma pedagogia dos pequenos grupos, que na escola e no entorno da escola produzirá encontros, efeitos, influências, sob a tutela dos adultos que servem como referências [...] de outra forma, como escapar aos grupos de crianças delinquentes e aos meninos-soldados, essas crianças sem pais e sem lei, forjadas na falha adulta? Podem ser criadas alternativas à concorrência, tudo ao inventar jogos sem ganhadores nem perdedores. Será que o professor que se encontra na contracultura é um outro professor? Não, ele não faz senão o seu ofício, aquilo para que foi designado como dono de um saber que promove o saber dos outros. Ele é professor de socialização, tutor do pensamento crítico. O mais problemático são as mídias. Sabe-se bem, graças aos estudos das psicopatologias norte-americanas, ao longo de vinte anos de pesquisa sobre a psicopatologia social e dos psicopatas propriamente ditos, produzidos em série por nossos sistemas globalizados, violentos, em nossos laboratórios sociais. Sabe-se, igualmente, a que ponto a televisão tem um papel determinante de suscitar, reforçar, encorajar a violência. Há, pois, todo um trabalho a fazer. Precisamos de outros “jornais” nas escolas, ou melhor ainda: de outras mídias, de contramídias nos liceus, nas escolas, nos bairros.

No contexto de globalização, em que se dissemina a violência, deparamo-nos constantemente com questões de ordem teórica e prática, as quais se transformam em preocupações, orientações psicológicas e pedagógicas e em queixas a respeito da violência escolar por parte de equipes pedagógica e de professores que vivenciam em seu cotidiano queixas sobre a violência. Tais queixas abrangem várias dimensões, podendo ser de ordem física, moral, estrutural, simbólica, verbal, de roubo, de assédio, de *bullying*, ameaças, brincadeiras de mau gosto, indisciplina, falta de respeito, agressões morais e físicas entre si e aos professores, depredação dos bens públicos, entre outras.

Motivada por esses problemas, gostaríamos de exemplificar esses questionamentos por meio de resultados de uma pesquisa realizada no ano de 2006 em uma escola pública do Estado do Paraná cujos alunos eram filhos de pescadores e de pedreiros que moravam em ilhas e nos surpreenderam com suas expectativas quanto à ascensão social pela via escolar. Com base em entrevistas destinadas a avaliar a

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

natureza das queixas quanto à indisciplina, falta de interesse e motivação dos alunos e professores, da equipe pedagógica e dos alunos não coincidem, com as perspectivas dos mesmos, ou seja, os professores relatam que os alunos não apresentam interesse pelo estudo, pela escola e seu futuro. Nas representações sociais dos alunos pela escola, encontramos, relatos que identificam conceitos em: *aprender, decidir o futuro, ter um emprego e trabalhar, assim como um futuro melhor*, apontam-nos para uma consciência escolar. Estas expectativas, no entanto, não correspondem à realidade apresentada nas pesquisas em 16 de janeiro de 2008, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em que a evasão e o analfabetismo imperam no Brasil, onde a baixa escolaridade brasileira atinge mais da metade dos eleitores e chega a 70% na região Nordeste do país, relativas ao ano de 2007. Segundo o TSE, um pouco mais da metade, 51,5%, dos 127,4 milhões de eleitores brasileiros aptos a votar até o final de 2007, não conseguiu completar o primeiro grau ou apenas lê e escreve. A partir destas informações, podemos afirmar então que existe um tipo de violência neste contexto que é simbólica, que é estrutural, que foge dos muros das escolas porque, neste caso, as escolas estão de muros fechados para a periferia.

Queremos também, ilustrar, com alguns depoimentos de professores, situações de sala de aula abordadas na disciplina de Psicologia da Educação no Curso de Formação de Professores, os quais relatam e confirmam o pouco investimento do professor na disciplina de Psicologia.

A prova de Psicologia é simples, eu quero que vocês escrevam opiniões próprias e experiências individuais [...] A hereditariedade é, por exemplo: se a mãe é desnutrida, o bebê será fraquinho [...] cada um traz exemplo do seu dia-a-dia e a Psicologia é nosso dia-a-dia [...] a apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos, de maneira certa ou errada é muito importante, pois, como professora, estou preparando-as psicologicamente para dar aulas (SILVA, 1995, p. 75-78).

As afirmações acima evidenciam situações do senso comum apresentadas como “verdades”, totalmente descontextualizadas da ciência psicológica e pedagógica.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Em sua maioria, explica SILVA (1995), as reflexões não ultrapassam o sensitivo, credences populares, queixas do que ocorre no ambiente doméstico, experiências do cotidiano, ausência de habilidades e de conhecimentos tanto dos conteúdos ministrados quanto da preparação de pessoas para atuarem em sala de aula.

Tais evidências nos informam que a decadência educacional brasileira, em princípio, é feita por assumir o senso comum no ato de ensinar e aprender. A realidade vigente significa, ainda, pensar que educação é vocação, deixando de preparar as pessoas para a cidadania, por meio do ensino vinculado à profissão.

Segundo Facci (2007) o professor tem deixado de investir em sua formação na utilização de conteúdos científicos que colaboram para o seu conhecimento e trabalho docente, pois:

(...) se não realiza um constante processo de estudo das teorias pedagógicas e dos avanços produzidos pelas várias ciências, ele poderá ter muita dificuldade de trabalhar com os conceitos científicos, assim como encontrará grande dificuldade de fazer de seu trabalho docente uma atividade que se diferencie daquelas atividades nas quais os alunos se defrontam no cotidiano escolar (p.152).

Neste sentido, o fracasso escolar pode iniciar-se dentro das salas de aula e prevalecer por todo um contexto social, tornando-se os índices de analfabetismo cada vez maior.

CONCLUSÃO

Diante das questões expostas neste trabalho, questionamos: qual o fundamento de um ensino em que os alunos desvalorizam a ação docente, agridem os professores, tornam-se agressivos e intolerantes com a escola, mostram-se indisciplinados e, muitas vezes, não respeitam seu próprio *habitat*? O que estará acontecendo com os alunos, professores e a própria escola quando alunos que fazem o curso de formação de professores afirmam: “Só estou fazendo o curso para sair de casa, não quero ser professora”? Que pensamento pedagógico estará permeando estas ações? Onde estará o fracasso? Em que estará o fracasso? Quem fracassou?

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Queremos, neste contexto, darmos relevância em nossas reflexões “ao corpo e a alma” de uma Instituição Escolar (desde alunos, professores, funcionários (técnicos e pedagógicos), conteúdo programático, metodologia, pais, comunidade, contexto cultural, econômico e social), onde vários benefícios podem derivar da compreensão dos motivos da violência escolar, os quais podem auxiliar nos estudos sobre o fracasso escolar. Onde, sair do paradigma individual para o social, pode nos levar a outra forma de pensar a violência.

E por fim, o olhar crítico que o psicólogo precisa lançar sobre a queixa escolar nos auxiliar a repensar sobre como intervir e “desvelar os processos de escolarização que produziram essa criança que tem na apatia uma forma de comunicação, ou na agressividade a sua maneira de se defender de práticas pedagógicas produzidas numa escola cujas relações são atravessadas por preconceitos e estereótipos em relação à criança pobre e sua família” (SOUZA, 1997,p.127).

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO,S.(2002) Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Nucleo de Estudos da violência da USP*.

ABRAMOVAY, M.(2002) *Escola e Violência*.Brasilia, UCB..

ABRAMOVAY, M; RUA, M. das G.(Org).(2002) *Violência nas Escolas*. Brasilia: UNESCO.

BOARINI, M.L. (1993).*Unidades básicas de saúde: uma extensão da escola pública?*. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo.

_____.Aprendizagem: questões em debate. *Apontamentos*, Maringá, p.19-26, jan.1998.

_____.Indisciplina Escolar: a queixa da atualidade. *Apontamentos*, Maringá, n. 69, p.3-18, jan. 1998.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. MEC. *Quadro da tragédia educacional brasileira*, mimeo. s.d .p.1-17.

BRASIL(1993). *Organização Pan Americana da Saúde*.

CHAUÍ, M. A.(1986). Ordem contra o Direito. In: PINHEIRO, P.S. B.E (Org). *Democracia e Violência: Reflexões para a Constituinte*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CHRISPINO, A; CHRISPINO, R.(2008). A judicialização das relações escolares e a responsabilidade civil dos educadores. *Avaliação e Políticas Públicas em Educação*.vol. 16. n.58. Rio de Janeiro,jan/mar.

DUARTE. N.(1996). *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados.

Disponível em <<http://www.unesdoc.unesco.org/imagens/0013/001322.pdf>. Acesso em 3 de maio 2009.

FACCI, M.G.D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. 2003.Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista. Araraquara, SP.

FOUCAULT. M.(1993). *Vigiar e Punir*. 10 ed.Petrópolis (RJ): Vozes.

HAYDEN, C; BLAYA, C.(2002). Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas. In DEBARBIEW, E; BLAYA. C (Org). *Violência nas escolas: dez abordagens européias*. Brasília. UNESCO.

KOSONSKI, E.(2003). Drogas, Violência e Vitimização. In LEAL. C. de B. J.P. H. (Org). *A Violência Multifacetada, estudos sobre a violência e a Segurança Pública* Belo Horizonte. Del Rey.

MEIRA, M.E.M.(2007). Psicologia Histórico- Cultural: Fundamentos, pressupostos e articulações com a Psicologia da Educação. In: FACCI, M.G.D. & MEIRA, M. E.M.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

(cols) *Psicologia Histórico –Cultural*: Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MINAYO, M. C de S.(1999). *É possível prevenir a violência?* reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*. vol. 4. n.1. Rio de Janeiro.

NAGEL, L.(2008). *Declarações do Banco Mundial. (1998-1999)*.Palestra proferida em 13 de março de 2008.Universidade Estadual de Maringá.

OURY, F. & VASQUES.A. (1998) *Vers une pédagogie institutionnelle?*Vigneux. Matrice, 1998.

ORTEGA, R;DEL REY, R. (2002). *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília, UNESCO ;UCB, 2002

PATTO, M. H. S.(1987). *Psicologia e ideologia*: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A . Queiroz, 1987.

PAIN, J. (2009-b), « Violence et mondialisation. Les défis de l'école : subir ou combattre ? », in Actes du colloque « Educação, globalização e cidadana »; *Os desafios da escola em face da violencia e da globalização : submeter-se ou resistir ?*, Joao Pessoa, Brésil, édition 2009.

SAVIANI, D.(1995). *Escola e democracia*. Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33. ed. Campinas, SP: Autores Associados.

SOUZA, M. P. R.(1997). A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo.In: Machado, A. M.e Souza, M. P. R (orgs.). *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo:Casa do Psicólogo, 1997.

SILVA, R. G. D. *As políticas educacionais e o ensino de psicologia no ensino médio: uma análise de implementação na rede pública estadual de Maringá, PR. (1999-2002)*. Campinas, S.P. 2005. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

_____. *A disciplina de psicologia no magistério*: Contribuições para o ensino. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1995.

TESSARO, N. S. *Auto-avaliação da Competência para Ensinar: Estudo Preliminar de uma Escala*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2001.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Baixa escolaridade atinge mais da metade dos eleitores e chega a 70% na região nordeste do país. **Disponível em:** <www.tse.gov.br>. **Acesso em: 25 fev. 2008.**

VYGOTSKY, L. S. (1991). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA; LEONTIEV, A. e VIGOTSKY, L. S. et al. *Psicologia e pedagogia*. São Paulo: Moraes Ltda.

WIEVIORKA, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Rev. Social*. USP. São Paulo 9(1):5-41. maio de 1997.